

# PROSA DE FICÇÃO

## A CASA DO MORRO

João Jacques

Samuel tinha, desde criança, a compleição de atleta.

Por nadar todos os dias, sob a rija massagem das ondas, experimentando devagarinho as ciladas do mar e a resistência própria, sem aventurar maiores avanços águas adentro, foi emprestando à ossatura conformação modelar e revestindo-a proporcionalmente com músculos que só se empinavam, por baixo da pele curtida de sol, se algo o desafiasse para uma luta livre pessoal, em campo raso, da qual saía sempre vencedor.

Seus pulmões não conheciam poluição do ar, pois o que inalavam vinha filtrado pelas distâncias oceânicas, impregnado de iodo e sal.

Juventude, robustez, coragem e poucas letras o levaram, por vias naturais e primárias, a abraçar a mais aventureira e perigosa das profissões: a de pescador de jangada.

Sua casa, mistura de pau-a-pique, folhas de flandre, barro, palha e telhas, empinava-se, como ninho caído da copa alta das nuvens, à encosta de um morro de areia embasado de pedras cor de ferrugem, que desciam até o molhado da praia. Nas grandes marés, as espumas punham punhos de renda no rodapé daquela pobre tapera, rica de furos e remendos.

À noite, pelos buracos do teto entravam ora os pingos da chuva, ora os pingos de luz das estrelas.

E o vento?

O vento modulava, na graduação dos orifícios, um coro de notas agudas, a que servia de segunda voz, em grave diapasão, o gemido intermitente das vagas, a pequena distância.

A Saúde lhe vinha dessas circunstâncias nativas ou da conjura de elementos que o punham constantemente à prova.

Samuel fez verdadeiro noviciado para continuar, por vocação, o trabalho do pai, que, no trato com o anzol, merecera a alcunha de Zé Barbela.

O “velho” se metia nas maiores encrencas. E dificilmente delas saía, como lembrava o apelido. OpiniOSO ao extremo. E tanto assim foi que, tendo velejado para muito além da “risca” em tempos de calma, contra a opinião dos mais experientes, de lá não voltou, nunca mais.

No dia de sua primeira viagem, ao pôr os pés na embarcação, depois de desfraldada a vela, Samuel benzeu-se instintivamente, o que ficou repetindo toda vez que partia e toda vez que se sentia de novo em terra.

À estréia bem sucedida se seguiram alternativas de fracassos e triunfos. E, depois de anos de faina ininterrupta, nas quais ganhou o bastante para oferecer um pouco de mais conforto à mãe viúva, dona Raimundinha, mãe de um único e idolatrado filho, caiu naquela espécie de rotina que, aos poucos, se encarrega de emudecer os mais loquazes e de abafar as mais originais idéias.

Samuel não falava como dantes, expansivo por demais que o era. As palavras, sacarrolhadas a custo, quando o inqueriam, lhe escapavam dos lábios fissurados pelo sol e o vento, como se ardessem ou queimassem.

A roupa típica, avermelhada pela entrecasca do cajueiro, o chapéu branco enfiado até às orelhas e que pareciam engessar-lhe o crânio, as calças arregaçadas, um palmo acima dos tornozelos, o peito à mostra, os braços roliços e grossos, em ângulo agudo, servindo de cabide a pedaços de corda e utensílios de bordo, seria de fato o símbolo da raça, se em plena caatinga sertaneja o vaqueiro ágil e desengonçado não lhe fizesse competição e não criasse um dualismo em que a escolha definitiva se protela por conveniência ou jogo floral.

— Samuel! Samuel! — gritava à praia, assim que o via desembarcando, pisando no seco, Mariana, a ruiva.

Eram duas as Marianas. A preta e a alvarenta. Dentro da própria cor, cada uma ostentava traços marcantes de sin-

gela beleza e de agitada mocidade. A de ébano, um embarca-  
diço se sumiu com ela.

Como Samuel de comum não respondesse ao estentórico apelo, a alourada se punha no seu encaço, alcançava-o facilmente, abraçava-o, beijava-o, segurava-o pelo pescoço, dependurando-se nele como um instrumento de pesca a mais, o mais pesado e talvez o mais leve, ao mesmo tempo. E os dois, entrelaçados, iam direto, não à nova morada da velha Raimundinha, mas àquela em que Samuel nascera e crescera e que era o refúgio dos seus inconstantes amores de solteirão.

E, ali, o jangadeiro se pagava do isolamento de dois e até três dias de pescaria, entremeados de noites infundáveis, de silêncios amargos, sem o açúcar sonoro de vozes femininas.

Samuel era, como o pai, obstinado nas opiniões. Fracassado num simples namoro com uma prima, em que esta o traiu com um chefe de máquinas de navio cargueiro, não admitiu mais, no coração, o pensamento são e nobre de casar-se e constituir família. Gato escaldado de água fria tem medo.

Foi tripulante de vários barcos, aprendeu a fisgar os maiores espécimes das 33 e de menores braças e ficou sendo, pela agilidade e disposição para o trabalho, um elemento com sinal verde em qualquer veleiro. Disputavam-no até mesmo como simples e descomprometido companheiro de bordo. Tinha voz boa e resmungava canções quando era feliz na colheita. O trago de cana não o excitava e jamais se irou a ponto de briga. Talvez porque lhe respeitassem o porte e o olhar decidido, de gente que dá um boi para não entrar em querelas e dá cem para, metido numa, dela não sair sem a palma da vitória.

Quando o Martim Novais, o Cação, aprontou a sua jangada de piúba e necessitou de provê-la de pessoal capaz, procurou Samuel e engajou-o na competente turma, sob o comando de Zacarias, o Masca Vidro.

Zacarias mascava fumo forte. E, como fosse senhor de dentes de marfim, grandes e agudos, os rilhava de quando em quando, antes da cusparada, triturando invisíveis ou in-existentes cacos de cristal.

Na madrugada inaugural, a amante de Zacarias, metida num vestido de estampas enormes, escarlates, quebrou no

banco da jangada uma garrafa de aguardente. Foi o “bastimo” mais genuinamente cearense.

O vento soprava brando e, por isso mesmo, não foi fácil vencer o quebrar das ondas e enfunar a vela no mastro, maior de cinco metros. Isso, aliás, deu imponência à saída da “Estrela d’Alva”, nome desenhado, no ápice do alvo triângulo de pano lonado, a tinta azul, com o dito astro centrifugando tronchos raios luminosos. A “nave” flutuava sobre o tapete verde da superfície líquida como verdadeira rainha, arrastando uma cauda de prata. Sem pressa, para ser solene e admirada...

Outras partidas semelhantes deram a Samuel como que estabilidade funcional na equipe da “Estrela”.

Chegaram as primeiras chuvas do inverno do ano, que só “pegaram” de fato depois da festa de São José, 19 de março, à passagem do equinócio. E, sob o ligeiro borribo de uma neblina, ganharam nesse dia alto mar Samuel, Zacarias, e os irmãos Pereira.

Samuel não foi o único que se benzeu quando a sua “nau cartaginesa” entendeu de empinar a proa rumo norte, após uma luta de mil lances para vencer a falta de aragem.

Para que a “Estrela” sumisse no horizonte passaram-se horas. E, devido ao fato, seus tripulantes avançaram o que puderam, a despeito do tempo, na mesma direção, distanciando-se além dos limites naturais. Parecia até que queriam desembarcar, num revide às condições desfavoráveis, do outro lado do Atlântico ou nalguma ilha nunca dantes vislumbrada.

Às tantas, procuraram ferrar pano e fundear, a fim de tentar a pescaria do dia.

Atirado nágua o toaçu, começou a faina de costume, sem maiores preparativos.

Do lado do nascente, nuvens carregadas principiaram a encastelar-se, criando no horizonte, até então pouco ameaçador, uma espécie de carga pesada, de front guerreiro aterrorizante.

Maus bocados já todos haviam curtido e, por isso mesmo, não se tomaram de pavor. Mas o ensaio geral do céu, a preparação visual, a cenoplastia apoteótica, o esboçar meteorológico de um novo dilúvio bíblico era, na verdade, de hipno-

tizar até mesmo criaturas em constante torneio com as forças da Natureza.

Chegados os imensos volumes de vapor até o meio do firmamento, a música de percussão entrou de uma vez. Os trovões reboavam por cima daquelas poucas e aflitas cabeças como se quisessem atingir-lhes, além da sensibilidade, a própria alma.

Algumas manobras, ditou-as o mestre, de forma a tornar mecânica e passiva a ação de todos.

Na incapacidade de grandes recursos para uma política de defesa, a disciplina cria condições de sobrevivência. Há sempre, no dramático, arregimentação das esperanças como última palavra. A vida sempre foi um jogo de paciência.

Os relâmpagos como que haviam preparado o cenário negro em que vedetarem. E deixavam cair do alto as sobras de sua carga elétrica. E os coriscos zebavam o espaço naquela pirotécnica de tempestade durante a qual todos se sentem por um fio diante do abismo e do mistério.

O mar é uma espécie de monstro que, por sofrer de gigantismo, custa a erguer-se para enfrentar o conluio de outros elementos. De forma que, somente depois de esporeado a fogo, decidiu reagir ou entrar em cena. E o fez arqueando o dorso ou franzindo-o em vagalhões, que, ao tombarem, enviavam sinistras réplicas às explosões das nuvens.

Até então os tripulantes da “Estrela d’Alva” aguardavam, sem maiores inquietações, que os rolos de piúba do centro, as mimburas e os bordos, todos de boa envergadura e ainda não enxarcados, resistissem à intempérie.

A chuva caiu torrencial, como se o fundo de ciclópico reservatório houvesse rompido de vez, lá em cima, e a massa de seu conteúdo viesse, vertical e íntegra, sobre o lombo arrepiado de um monstro acuado e colérico.

Entre as duas lâminas líquidas, os quatro jangadeiros notaram que as madeiras se desligavam, largando as cavilhas de mororó.

Os cabrestos afrouxavam nos entalhes. A vela não se rasgou, nem o mastro se partiu. O vento arrancou-os do banco, levando-os para longe como uma asa gigante.

E o mestre, pressentindo o recrudescimento da fúria, falou aos companheiros:

— Agarrem-se em qualquer coisa!

Era, noutros termos, o “salve-se quem puder”.

E, minutos após, cada um boiava e debatia-se em cima de um pedaço de pau.

O vento não cessava de desagregar as cousas. Agora, já fragmentava o bloco humano. Jogava cada qual para um lado, distanciando uns dos outros. Só os gritos, dentro da noite, as invocações no escuro os continuava prendendo por um fio invisível. Até que, na distância, as vozes “nafragaram”. A falta de comunicação é o maior dos abismos.

Samuel, daí por diante, não soube mais nada sobre o destino dos colegas. Tratou tão-somente de escapar com vida, fosse como fosse. E confiou nas suas reservas físicas. Sem o “patrão”, passou a comandar-se a si mesmo. A obedecer exclusivamente às ordens do seu instinto de conservação, da sua experiência ou do seu faro animal, que lhe exclamavam: tu não podes morrer!

E, já pela madrugada, eram poucas as estrelas que o podiam guiar para terra.

Não só os animais têm bússola própria. O inconsciente, por trás dos feixes nervosos ou das antenas do organismo, dispõe de radar. E, por este, o pescador se norteou para a costa, que os longes ocultavam e o encapelamento das paredes líquidas ainda mais afastavam. E haja bracejar.

Nesses momentos em que se vê a vida confinando com a morte, vêm à tona raciocínios despertados pelo sexto sentido. É a lógica que antecede o pânico. E ela lhe dizia:

— Samuel, poupa as tuas forças!

E ele bracejava em ritmo de páreo esportivo, no qual fica para os minutos finais o emprego das poupanças havidas. Ocorreu-lhe até, como idéia positiva, bater um campeonato de distância e resistência. Era o desafio a si mesmo. A vaidade de superar os recordes anteriores.

O corpo ágil, de anfíbio, ajudava-o a deslizar, como quilha de bote, nas poucas áreas planas, e a varar, como torpedo, as

espessuras das vagas que se empinavam e cresciam em verdadeiras montanhas.

Seu “leme” obedecia ao pensamento firme de vencer aquela prova máxima e definitiva. Afinal, o sol veio à tona e pôs de fora a cabeça olímpica, da qual rolavam sobre espumas os cachos crespos e fulvos.

O despertar da natureza costuma comunicar-se às almas em manhãs de esperanças. É um renascer ou começar de novo.

Horas depois, o calor se fez sentir, trabalhando contra as reservas de Samuel, desidratando-o e secando-lhe a garganta, que, pela respiração acelerada, já se ressentia da precária umidade. Impôs-se-lhe, então, a necessidade de criar mais longas pausas para descanso no violento teste de natação. E o fazia em posição vertical, sem agitar os braços, pedalando o suficiente para não imergir. E tinha o cuidado de trazer sempre enxarcados d’água os cabelos.

A luta contra a morte o obrigava a vencer distâncias que não acabavam, nunca, e a recorrer, agora, a uma orientação baseada na parábola solar e na pauta larga das ondas, geralmente paralelas à fímbria da praia.

Assim como, para Noé, foi um corvo que não voltou à Arca o anúncio de terra próxima, foi uma gaivota que voou rasante sobre a cabeça de Samuel a portadora de uma mensagem de fé e alento interior.

Samuel respirou profundo. Mas o fôlego e as forças lhe pareceram bem mais curtos. Sobretudo porque, na dilatação do tórax, ao encher-se de ar, os músculos reclamavam contra o incessante e exaustivo trabalho, os ossos como que rangiam nas dobradiças e uma dor, fruto do vazio no estômago, dava alarde de fome e sede. Havia que aproveitar o restante de “combustível”. A sua autonomia de reservas era para poucos quilômetros mais de flutuação e translação.

Deslumbrado com os revérberos luminosos, multiplicados pelos milhares de espelhos em que as vagas se facetavam, precisava vez por outra fechar os olhos e bracejar a nado cego.



Certa feita, ao abrir de vagarinho as pálpebras, viu, a alguns metros, algo parecido com a barbatana à mostra de um cação.

Mestre Novais lhe dera uma arma, tirada da experiência, para ocasiões como essa: gritar alto, que as oíças do tubarão parecem detestar a ponta fina dos silvos.

Samuel lembrou-se então de vociferar em contínuos sibilos. E só o conseguiu duas vezes. A primeira, com êxito relativo. A segunda, quase em surdina. Os pulmões não responderam ao apelo da vontade. Mas o intruso se foi.

Desanuviado, tratou de ganhar o tempo perdido. Mobilizou as sobrevivências. E, com elas pela proa, logo mais enxergou as alvas areias de uma duna. Não. Não eram as de sua Angra Verde. Ele as reconheceria pela silhueta.

Os oásis acenam de longe aos beduínos. Chão firme fala de mais distante ainda aos "salvados" de uma tempestade.

Daí por diante, era o mar que parecia rejeitar corpos estranhos e tanger Samuel para fora. A maré enchente ajudava a vomitá-lo. E uma vaga maior jogou-o à praia, anestesiado pelo relaxamento total dos músculos. O homem era um poivo mole, braços e pernas distendidos, flácidos, mulambudos.

Ressupino, Samuel ficou em xis, o coração batendo no peito como o de pássaro ferido.

E ali ficou, assim, num sono profundo, até o encontrarem.

Os últimos lampejos vindos do poente douravam, no alto de uma duna, os cabelos castanhos de Maria Júlia, a filha da professora Albertina, transferida há pouco para a colônia de pescadores ali arranchada. Mariju era a abreviatura do nome da moça, por sinal um pecado de mulher. Cintura fina. Bonitas pernas. Busto farto. E uns olhos brejeiros e vivos.

Lá de onde estava, de pé, o vento vespéral a modelar-lhe as formas, viu aquele corpo estendido na praia. A espuma das ondas o cercavam, emoldurando-o, destacando-o, tornando-o visível de longe.

Desceu, correndo, o pequeno morro, os braços como a remar no seco e a manter-lhe o equilíbrio na ladeira fofa.

Ao aproximar-se de Samuel, exclamou pesarosa:

— Coitado. Tão moço!

E, para poder espalhar, com segurança a notícia, pegou, antes, nas mãos do rapaz, engelhadadas e frias como as de um defunto.

E saiu, desabalada, para o arrabalde, de onde voltou com mais de uma dezena de pessoas, à frente das quais trouxe o major Celestino, que naquelas redondezas era tudo: médico, advogado, juiz, promotor, delegado e conselheiro.

Quando chegaram, Mariju já apontava para Samuel, informando:

— Taquí o morto!

Quatro caboclos fortes apanharam Samuel pelos pulsos e pelos tornozelos, transportando-o para cima de um cômodo próximo.

O “Major” pressentiu que havia ainda vida naquela pobre criatura de Deus. E pediu agasalhos. Duas blusas de jangadeiro e dois chales de velhas bastaram para a operação calor, completada com massagens no abdome, tapas nas faces e palmadas na planta dos pés.

“Marujo” era o “pau d’água” da turma. Aconselhou:

— Metam um gole de “cana” na boca desse desgraçado...

E apresentou, com certo rito, a garrafinha tirada do cós das calças.

“Major” aceitou a sugestão. Descerrou os dentes de Samuel e despejou-lhe garganta abaixo toda a “munição” de “Marujo”, que quase se arrependeu do palpite.

Água na fervura. A quentura e ardência do álcool iam sufocando Samuel, que reagiu com forte e cavernoso pigarrear, tossindo depois convulsivamente.

Ao abrir os olhos e voltar de todo a si, desafogou por completo o ambiente. E sorrisos coroaram as palavras de triunfo de “Marujo”:

— É ou não um santo remédio?

— Chega de besteira, replicou uma senhora, gorda como uma baleia.

Um espreguiçar lento, cheio de contrações, cortado de grunidos surdos demonstrou que Samuel necessitava dora-

vante de cuidados domésticos, de assistência mais demorada e maternal.

Mariju sugeriu:

— Vamos levá-lo lá pra casa. Trato dele. Mamãe me ajuda.

Improvisaram o transporte. Uma tábua serviu de maca.

No quarto de Mariju, dona Albertina começou o serviço de enfermagem, preparando um caldo de carne, que a filha, de uma solicitude de amante em potencial, ia dando a Samuel, colherzinha por colherzinha, como se alimentasse uma criança de colo. E, assim, nessa homeopatia amorosa, Samuel foi voltando ao natural, lentamente, gemendo em vez de articular palavras, um tanto manhoso — quem sabe?

Já senhor intuitivamente de tudo que lhe ocorrera, começou por indagar:

— Afinal, onde estou?

— Comigo, respondeu Mariju, tanto mais possessiva quanto já se enamorara do estranho abrigado no recesso de seu lar.

Havia bastante gente em derredor de Samuel, todos procurando o fio da meada ou o começo de toda aquela história. Os olhos curiosos crivavam-no de perguntas.

— Que foi que aconteceu, rapaz?

— A tempestade. Nunca vi coisa tão horrível. Minha jangada se despedaçou em alto mar. Não sei que é feito dos companheiros: se se salvaram ou se se afogaram todos. Parece que faz um ano!

De fato, Samuel nadara dois dias e meio. Sem comer nem beber.

— E de onde você saiu?

— De Angra Verde.

Virgem Maria!

— Aqui é o que?

— Morambique...

— Desconfiei. Já estive por estas bandas há muito tempo. Mas o coqueiral por trás das dunas ainda é o mesmo ou muito mais denso.

— Quem me trouxe?

Mariju não consentiu intromissões. E foi direta:

— Eu, Mariju! e basta de conversa! Cuido dele. Sozinha. desabafem o homem.

O grupo logo se desfez, saindo do quarto aos resmungos.

E, depois disso, passaram-se três dias. Dias de convalescença e de amor. De bons pirões e de beijos apaixonados. Nas ausências da professora Albertina, a filha foi santo remédio, um reconstituente e tanto para o guapo pescador de Angra Verde. Aliás, os dois davam um par de excelentes reprodutores humanos. Cada qual transpirando maior vitalidade.

O namoro nessa meia semana se transformou em noivado, com mão pedida e dada oficialmente, com notícia divulgada de boca em boca e consentimento geral. Apenas, por falta de documentação, Samuel ficou de ir à sua aldeia e trazer sua carteira de identidade e outros papéis que guardava na casinha do Morro, onde talvez o esperasse a Mariana ruiva.

Samuel tomou dinheiro emprestado, inteirou-se do horário dos ônibus e mandou-se no rumo de casa.

Devia ser meia noite quando principiou a subir a ladeira da choupana velha, ou seja, da primitiva casa em que tantos anos morava com a mãe.

Tinha o coração em sobressaltos, sobretudo porque, entre o dia em que partiu seu barco para o mar e o seu regresso, já ia um bocado de ausência, o bastante para o suspeitarem defunto.

Ao aproximar-se da palhoça, notou que de dentro dela porejava luz. A da lamparina de suas noites de amor com a ruiva. Estaria ela, acaso, à sua espera, num plantão de saudade?

Empurrou com o pé a porta da rua, que cedeu, escancarando-se.

Mariana pulou da rede atravessada na sala e se benzeu:

— Credo, cruz! É a alma dele, Joaquim!

Joaquim, no fundo da tipóia, não teve tempo de erguer-se. A cena se passou em menos de cinco segundos. Afiada

peixeira lhe varou várias vezes os rins e o pulmão através do pano.

E o silêncio foi a mortalha de toda essa história, que ficou entre as lendas da vila de pescadores de Angra Verde.

Mariana enloqueceu. assassinado não fala. E Samuel virou mesmo espírito do outro mundo, pois nem sequer baixou em Morambique, onde as doces recordações de Mariju em vão dia e noite o invocavam...